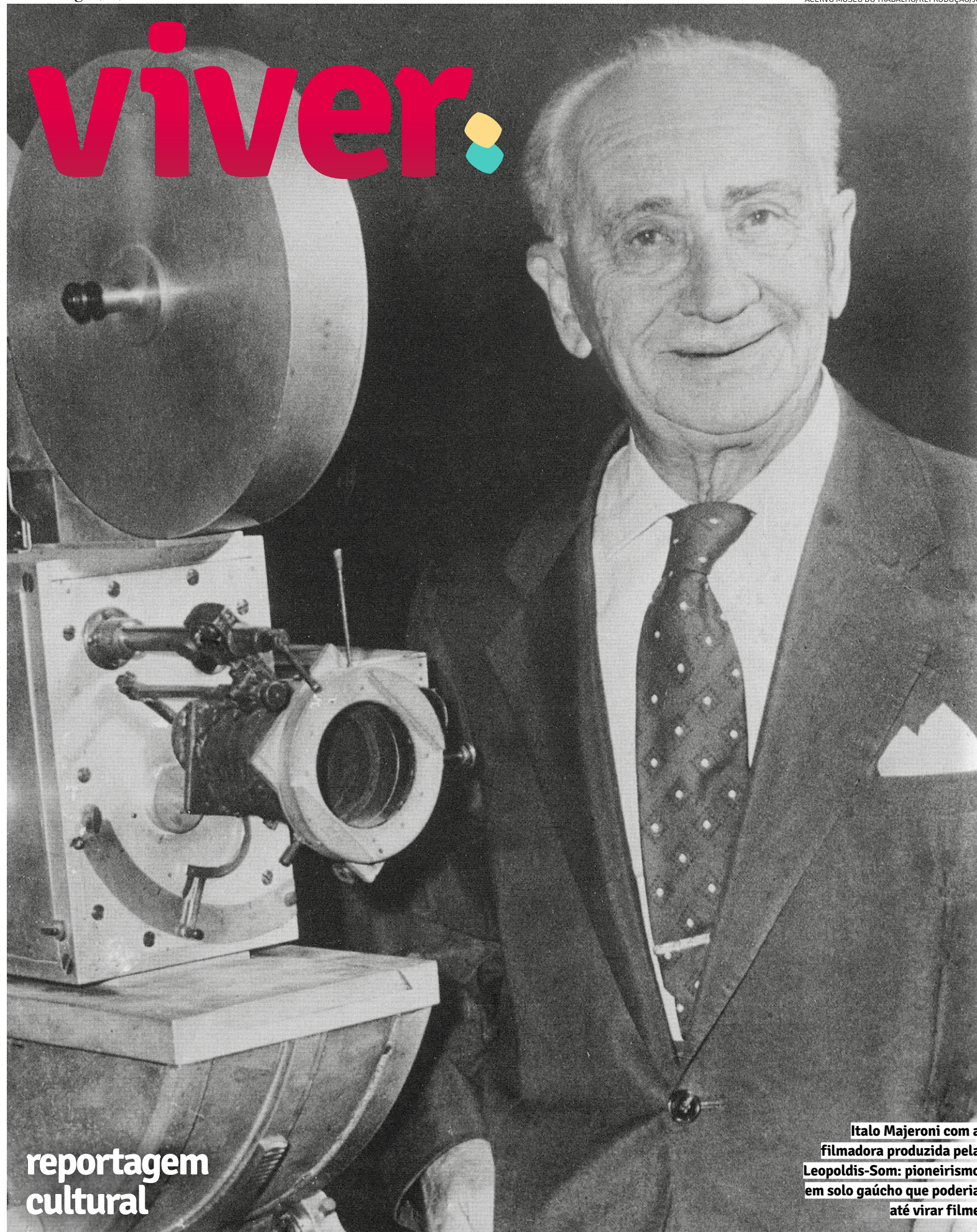


viver.

reportagem
cultural

**Italo Majeroni com a
filmadora produzida pela
Leopoldis-Som: pioneirismo
em solo gaúcho que poderia
até virar filme**

Leopoldis-Som: 110 anos de um patrimônio audiovisual gaúcho

Daniel Rodrigues

“Era uma vez” é uma forma bastante clichê de se começar a contar uma história. Mas, no caso da Leopoldis-Som, essa epígrafe se adequa muito bem. Afinal, está se falando de uma produtora de filmes fundada há 110 anos cuja história é, com o perdão da expressão, cinematográfica.

Então, recomeça-se assim: era uma vez um artista italiano chamado Italo Majeroni, que, no início do século XX, saiu de sua Itália em turnê pelo Brasil, mudou de nome, apaixonou-se por Porto Alegre e se tornou um dos pioneiros do cinema no Rio Grande do Sul. Se fosse um filme, este resumo poderia ser considerado uma sinopse. Mas, como nos roteiros cinematográficos,

há muito mais reviravoltas para se contar esta história com os devidos início, meio e fim.

O início foi imprevisível como nas mais inventivas tramas aventuras. Nascido em Nápoles, sul da Itália, em 1888, Majeroni cresceu em uma família de artistas e aos 12 anos já estava nos palcos. Seus avós e pais eram atores, e os tios e irmãos, mágicos, ilusionistas

ou hipnotizadores. Integrando a *compagnie* de variedades de seu irmão, Majeroni conhece diversos países da Europa e América do Sul, entre eles, o Brasil.

Numa dessas temporadas brasileiras, e já atendendo pelo pseudônimo Leopoldis, este transformista (habilidade de interpretar múltiplos personagens em cena) se encanta com a magia das no-

víssimas imagens em movimento. Uma arte fascinante e com menos de 20 anos de existência àquela época: o cinema. O primeiro contato foi ainda em Recife, Pernambuco, em 1915, onde monta um pequeno laboratório e produz pelo menos duas edições do cinejornal Pernambuco-Jornal. Mais tarde, o múltiplo artista escolheria Porto Alegre para trabalhar e viver.

“Este homem constitui um dos elos da história do cinema gaúcho”, aponta o jornalista, professor, cineasta e pesquisador Glênio Póvoas. “Leopoldis atravessa muitas décadas e está associado a uma produção cinematográfica que inicia pelo menos em 1915, em Recife, e vai até meados de 1970 em Porto Alegre. São 60 anos de história”, assinala. Nos anos 1920, conforme registrou matéria da Revista O Globo, de 1945, Majeroni “montou um pequeno laboratório nas margens do Rio Guaíba, na Praia de Belas, 1.066, e começou a rodar películas documentárias”. Era o começo de uma era para o cinema gaúcho.

O meio dessa história é preenchido com muito trabalho, sucesso e pioneirismo. Primeiro, como Leopoldis-Film, na fase muda, até 1937; depois, Leopoldis-Som Produtora Cinematográfica Brasileira, quando inicia o período sonoro, até 1961; e, finalmente, Cinegráfica Leopoldis-Som. Entre a década de 1920 até o início dos anos 1980, a empresa produziu centenas de filmes com cenas do Rio Grande do Sul, registros preciosos da vida dos gaúchos, como festas, eventos, atividades empresariais e obras públicas.

Ao todo, a Leopoldis-Som produziu cerca de 380 documentários de curta-metragem, meia dúzia de médias e três longas documentais. Fez ainda cinco longas-metragens de ficção, entre estes, um marco do cinema gaúcho: *Coração de luto*, de 1967, estrelado por Teixeira. Realizou também propaganda política, trailers e muitos comerciais para a TV e salas de cinema. No total – silencioso e sonoro, documentário, cinejornal, ficção, comercial – sua filmografia chega a cerca de mil títulos. O acervo da Leopoldis-Som pertence, desde 1986, ao Museu do Trabalho. Há, porém, materiais ainda não-identificados.

O fim dessa história é tal qual nos filmes de drama, que nem sempre se encerram do jeito que o espectador gostaria. Depois de apostar num novo filão, o de longas de ficção, e já sem a participação de Majeroni, morto em 1974, a Leopoldis-Som decide encerrar as atividades. Entretanto, diante de tantos feitos e da preservação hoje do que é possível deste patrimônio audiovisual, pode-se dizer que essa história tem, sim, um final feliz. Pode subir os letreiros, pois a memória do cinema gaúcho resta sã e salva.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Uma ópera sobre um idiota

Em 1832, quando a obra estreia, o público queria receber óperas como essa: *O elixir de amor* faz um estrondoso sucesso, como o faz ainda hoje, seja em Nova York, em Lisboa ou em Porto Alegre. O enredo é quase idiota: um camponês ignorante encontra-se apaixonado pela dona da propriedade rural em que ele trabalha. Como chave de interpretação da obra, Adina (a mocinha) está a ler para os seus trabalhadores camponeses (uma boa moça, ela) um romance que remete às narrativas medievais, a história de Tristão e de Isolda. Seja como for, o tal elixir de amor, que ajuda Isolda e Tristão, vai entrar pelos ouvidos do ingênuo camponês para lhe fazer um catastrófico estrago.

Nemorino, o pobre coitado mocinho, interpretado apaixonadamente pelo tenor Felipe Bertol, dispõe-se a sacrificar o dinheiro que não tem para adquirir o tal elixir de tão miraculosos poderes. Ele teme, sobretudo, o enfrentamento com Belcore, um sargento de passagem pela aldeia, que pretende alcançar os favores da jovem e bela proprietária. Se ela não está interessada em Nemorino, menos ainda em Belcore (o baixo-barítono Daniel Germano), até o momento em que, graças a um enredo em que as coisas vão acontecendo assim, meio que de repente, ela resolve se vingar do enamorado, porque este já não parece tão interessado nela quanto antes. O enredo esdrúxulo se completa com o charlatão Dulcamara (o também baixo-barítono Guilherme Roman), que logo vende ao camponês o tal elixir de que ele necessita.

Se o enredo é simplório, seus diferentes momentos o são ainda mais. Mas não façamos perguntas complicadas como: se o camponês é tão imbecil, como explicar que a jovem proprietária acabe se apaixonando por ele (claro, porque sem isso não teríamos o imprescindível final feliz)? E o charlatão, não vai ser denunciado? Bom, parece que 1832 permitia muitas crendices semelhantes às que temos em 2025, com intervenções de ETs para mudar resultados eleitorais... Seja como for, não pelo efeito do elixir, mas porque *il faut*, para agradar ao público, o casal se concretiza, para goáudio da plateia.

O que salva, mesmo, o amalucado libre-

to de Felice Romani, é a melodia edulcorada de Gaetano Donizetti. Ela faz fluir levemente o enredo e os diálogos, e ao fim do espetáculo, como que a presentear quem chegou até ali, revela a ária *Una furtiva lagrima*. A voz de Felipe Bertol é perfeita para o momento, e a plateia explode em aplausos, entusiástica e justificadamente. Elisa Lopes, já havia anotado em uma outra coluna, tem um timbre muito bonito, com desenvolvimento avulso e melodioso. Como diz o machista Belcore, vá lá a gente entender as mulheres... Ela pode casar com o soldado, mas acaba se contentando com o camponês.

A direção de Henrique Cambraia, que também assina a cenografia (com Eduardo Menna) e o figurino (com Letícia Krenzinger) tratou de naturalizar a encenação, imaginando-a numa aldeia colonial italiana. Cuidou, ainda, de propor ações dramáticas paralelas, de modo a dinamizar o espetáculo. De modo geral, deu tudo muito certo, salvo

quando a noiva (Adina) é levada a esmagar uvas dentro de uma tina: a passagem é ridícula, e não tem nada a ver com a ópera bufa. A cenografia está bem resolvida, os figurinos conseguiram bom efeito (contemporâneos e, ao mesmo tempo, de época, como o de Belcore), mas a ilumina-

ção dormiu no ponto: cada vez que algumas personagens entravam em cena eram precedidas de sombras por trás do muro que separava os dois espaços da cena, à esquerda do público, o que poderia ter sido facilmente evitável, apenas deslocando um *spotlight*.

De modo geral, a montagem da Companhia de Ópera, que enfrentou muitos problemas de recursos, conseguiu resolver bem os desafios da montagem. A cena está alegre, graças e um influxo mais decidido da luz branca; o coro desempenhou-se com naturalidade e, enfim, já que era uma ópera bufa, Daniel Germano e Guilherme Roman quase roubaram a cena, não tivesse o público ido até lá para torcer pelo mocinho e a mocinha. Ah, para não esquecer, e porque é importante: o maestro Evandro Matté garante a tranquilidade, com domínio total da partitura e uma singeleza na regência. Igual juiz de futebol: é bom porque não aparece, mas faz a orquestra soar muito bem.

Se o enredo é simplório, seus diferentes momentos o são ainda mais. Mas não façamos perguntas complicadas



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Desafios

O tema relacionado a problemas surgidos pela presença de novas formas de exibição de filmes proporciona a oportunidade para reflexões que, pelo menos, evitem previsões pessimistas, sem deixar de expor dilemas que se colocam de forma a tomar a forma de poderosas ameaças. Qualquer espectador atento poderá perceber que a programação nas salas comerciais vem apresentando sinais de empobrecimento. Está havendo um desinteresse por obras para espectadores adultos e uma fixação em títulos que vivem de efeitos especiais. O cinema dedicado ao público infantil sempre será no cinema algo importante e indispensável. A própria história de nossa arte registra em tal gênero várias obras-primas, tanto no desenho animado como nos filmes de marionetes, isso para não falar em aventuras capazes de fascinar espectadores de todas as idades. Mas, nos últimos anos, são poucos os que são capazes de unir gerações. Um outro local do atual cenário é aquele que registra o vazio que aos poucos vai aumentando com a aposentadoria e mesmo a definitiva ausência de alguns mestres. A lista é grande e inevitável, causada pela impiedosa passagem do tempo. Mas não é saudosismo

verificar que seleções elaboradas por aficionados de vários países e que revelam a opinião de diversas gerações raramente incluem filmes do século XXI.

É necessário atentar, também, para o fato de que atualmente quando um filme alcança 100 mil espectadores no mercado brasileiro o fato é saudado com o maior entusiasmo e motivo para festas. Porém, sem o objetivo de diminuir a felicidade de muitos, e isso para não falar em outros títulos, é necessário lembrar que *Dona Flor e seus dois maridos* atraiu mais de 10 milhões de pessoas e que *Tubarão* ultrapassou tal marca, chegando a 13 milhões. Além disso, *Titanic*, que reabriu cinemas que haviam fechado, é o recordista, com 16 milhões de ingressos vendidos. Tais números evidenciam que o setor de exibição cinematográfica está enfrentando concorrentes poderosos, muito bem organizados e, além disso, beneficiados por tecnologias

cada vez mais eficientes. Provavelmente, tais concorrentes estão vencendo um setor cujas respostas evidenciam não ter força e nem imaginação para o combate. Transformar salas de exibição em parte de parques de diversão ou em restaurantes não é algo que favoreça nossa arte. A mudança é eterna, mas é importante um olhar atento para o processo. É de estranhar, portanto, o silêncio diante dele por parte de comunicadores e atentar o fato de vários canais oferecerem amplos espaços que antes eram ocupados por filmes, salvo quando algum nome famoso por seu trabalho justamente exaltado completa seu ciclo.

Mas o cinema não desaparecerá. Recentemente, a Netflix comprou o maior cinema de Los Angeles, equipando-o com todos os meios de projeção, inclusive os mais antigos para aproveitar materiais originais. E há poucos dias foi noticiado o interesse da mesma empresa pela aquisição da Paramount. Com isso, voltarão à tela certa muitos clássicos que pertencem ao acervo da produtora de *Um lugar ao sol* e também filmes novos que terão no Chinese Theatre uma vitrine e o melhor espaço para ser conhecidos. No Brasil, as salas especiais - aqui em

Transformar salas de cinema em parte de parques de diversão ou em restaurantes não é algo que favoreça nossa arte

Porto Alegre, as três da Cinemateca Paulo Amorim e mais as da Cinemateca Capitólio, do CineBancários e do Cinema Universitário da Ufrgs - são importantes locais de resistência. Agora é esperar que os demais exibidores atentem que o mais importante é a qualidade de projeção, e também um cuidado em preservar o público que continua prestigiando a arte das imagens em movimento. E resta também aguardar que *O agente secreto* confirme os elogios que tem recebido e que o público compareça, a fim de prestigiar, com elogios ou críticas, um filme que tanta repercussão vem alcançando em suas exibições em festivais e em espaços culturais em outros países. Depois de *Ainda estou aqui*, um exemplo de como cinema pode ser forte na denúncia sem cair no discurso superficial e no lamentável sectarismo, é justo esperar que o cinema nacional continue frequentando o espaço onde se encontram os melhores.

fique ligado

Criolo e uma reflexão sobre os 50

Um dos artistas mais inovadores e influentes da música brasileira contemporânea, Criolo traz para Porto Alegre a turnê *Criolo 50*. O projeto, que celebra o seu 50º aniversário e toda a diversidade que molda a sua trajetória, chegará ao Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685) nesta sexta-feira, a partir das 21h. Ingressos, em terceiro lote, a partir de R\$ 120,00 no Sympla.

Com um show que mistura a potência do rap e os gêneros que fazem parte da sua história, como o samba e a MPB, o cantor vai subir ao palco acompanhado da sua banda completa para explorar o seu vasto repertório. Atravessando todos os seus álbuns, Criolo incluirá no *setlist* as faixas mais representativas da sua carreira.

A turnê *Criolo 50* também vai contar com um conteúdo visual inédito, assinado por Bernardo Perpettu, e outras novidades. Além de um novo álbum de hip hop e outro de samba, o cantor ainda trará ao público em 2025 um livro co-escrito com a sua mãe Maria Vilani.



PEDRO BUCHER/DIVULGAÇÃO/JC

Apresentação da turnê *Criolo 50* acontece no Auditório Araújo Vianna

Festejando o legado de Zé Ramalho

Como forma de festejar os 45 anos de trajetória artística de um dos ícones da música nordestina, o musical *Admirável Sertão de Zé Ramalho* estará no Teatro Simões Lopes Neto, no Multipalco Eva Sopher (Riachuelo, 1.089), no sábado, às 20h, e no domingo, às 18h.

O espetáculo celebra o cancionista do cantor e compositor, a literatura e os lugares retratados em sua estrada. O musical é dividido em cinco módulos: *Brejo*

da Cruz, que apresenta as origens do artista; *Campina Grande*, onde começou o interesse de Zé pela música; *João Pessoa*, que retrata o momento em que ele realmente começou a compor; *Rio de Janeiro*, mostrando a batalha por um lugar ao sol; e por fim, *Pops-tar*, representando o sucesso e a consagração do autor de clássicos como *Admirável Gado Novo*, *Pedra do Ingá* e *Chão de Giz*. Ingressos no site do Teatro São Pedro.

Ópera de Handel inédita na América Latina

Pela primeira vez apresentada na América Latina, a ópera *Il Trionfo del Tempo e del Disinganno*, escrita por Georg Friedrich Handel quando ele tinha apenas 22 anos, será encenada pela Companhia de Ópera do RS (Cors) no Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089) neste sábado, às 19h, e domingo, às 17h, com sessão extra no dia 24 de outubro, às 19h. Ingressos, a partir de R\$ 42,00, no site do Teatro São Pedro.

A obra trata da conversão da Beleza e do Prazer para alegorias com valores e aspirações mais elevadas. A Cors convidou a Bach Society Brasil e seus instrumentos de época e a Plural Cia de Dança para dar vida e teatralidade à obra, com quatro cantores no auge de suas habilidades: a soprano Carla Domingues (Beleza), as mezzo-sopranos Carol Braga (Piacere) e Cristine Guse (Disinganno) e o tenor Roger Scarton (Tempo).

Rock gaúcho nos 42 anos do Opinião

O Opinião (José do Patrocínio, 834) recebe no sábado, às 20h, um dos nomes mais importantes do rock gaúcho. O Acústicos & Valvulados, com mais de 30 anos de carreira e inúmeras turnês pelo País, estará acompanhado do jovem talento Théo Fetter, em um evento que celebra os melhores momentos da sua trajetória e também comemora o 42º aniversário do Bar Opinião. Ingressos (em segundo lote, a partir de R\$ 50,00) no Sympla.

Dono de hits como *Fim de Tarde com Você* e *Até a Hora de Parar*, o Acústicos & Valvulados despontou quando o seu terceiro trabalho de estúdio chegou às lojas em 2001, marcado por faixas como *O Nome Dessa Rua* e *Suspenso no Espaço*. O show deverá ter como base a coletânea *Diamantes Verdadeiros: O Top 10 da Era da Rádio* (2014), que será tocada na íntegra, e mais algumas surpresas. Já Théo Fetter mostrará ao público os seus singles mais recentes e canções extraídas do disco de estreia *Not There Quite Yet* (2022), como *Stay* e *Nice Guy*.

Agenda

- Tributo a Stevie Ray Vaughan com Gui Cicarelli e Hard Blues Trio no Grezz (Almirante barroso, 328). Sexta-feira, 21h, ingressos no Sympla.
- Cantor e violonista Artur Wais lança o single *Cabe no Coração* na Bancaberta (Praça Berta Starosta, s/n). Sábado, 18h30min, entrada franca.
- Exposição *Paulo Chimendes – A travessia do tempo* será aberta ao público no sábado, às 10h30min, no Margs (Praça da Alfândega, s/n). Livre.
- Quarta edição do *Boemia* no Jardim, com Paulinho Parada e Daniela Eloy, une choro, samba e poesia no Boteco do Zé (Barão do Amazonas, 856). Sexta-feira, 20h30min, gratuito.
- Travessa Rua dos Cataventos da CCMQ (Andradas, 736) recebe sábado, a partir das 10h, a feira Casa Cerâmica. Peças utilitárias, luminárias, esculturas, acessórios, jogos e objetos decorativos. Livre.
- Recital de violão de Miguel Besnos na Casa da Música Poa (Gonçalo de Carvalho, 22). Obras de Dilermando Reis, Joaquín Turina e Manuel de Falla, entre outros. Domingo, 11h, valor livre a ser pago no dia do evento.
- Indira Castro e seu trio Os Brás Cubas levam música cubana ao Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). Sexta-feira, 21h, a partir de R\$ 55,00 no site Tri.RS.
- Ospa comemora os 150 anos de imigração italiana no RS com concertos em Porto Alegre (sexta-feira, 20h, na Casa da Ospa, ingressos pelo Sympla) e Farroupilha (sábado, 19h, no Santuário Diocesano Nossa Senhora de Caravaggio, gratuito). Regência de Rebecca Burkhardt.
- Com mais de 30 bancas de empreendedores independentes, Feira Mosaico estará na esquina da rua General João Manoel com a Rua dos Andradas neste

- sábado, das 11h às 19h. Entrada franca. Em caso de chuva, transferido para 01/11.
- Projeto Obras comentadas transmite entrevista-show inédita com Joyce Moreno, gravada em setembro no Centro Cultural 25 de Julho de Porto Alegre. Sábado, 16h, com transmissão gratuita pelo canal de Felipe Antunes no YouTube.
- Misturando música e humor, o trio de musicistas Crê Tinas se apresenta no Espaço 373 (Comendador Coruja, 373) domingo, às 19h. Música popular brasileira em diálogo com elementos cênicos e textuais. A partir de R\$ 35,00, no site Tri.RS.
- Circo Teatro Girassol apresenta espetáculo *Bichológico*, voltado para crianças de 1 a 7 anos, no Teatro Sesc Alberto Bins (Alberto Bins, 665). Sábado, 16h, R\$ 50,00 no site Entreatos Divulga.
- Festa Oktober do Pátio 24 (24 de outubro, 1.454) promove celebração com música típica alemã, chopp artesanal e atrações gratuitas. Sábado, 14h às 18h, entrada franca.
- Compositor, pianista e arranjador Cristóvão Bastos traz seu Quarteto para tocar seus grandes sucessos no Cagfé Fon Fon (Vieira de Castro, 22). Sexta e sábado, 21h, couvert de R\$ 100,00 antecipado via pix ou Sympla.
- 3ª edição do Acordes Elétricos Sounds. Rock autoral com Eletroacordes, Marujos Sem Mar, Celofones e Mimi Johnson. Sábado, 20h, no Music Box Estúdio (Benjamin Constant, 1.512). Ingresso solidário, com contribuição espontânea no local.
- Peça *Terapia de Casal, uma comédia em crise*, terá curta temporada no Galpão Floresta Cultural (Conselheiro Travassos, 541). Sexta-feira e sábado, 20h, e domingo, 18h, ingressos no Sympla.

Um domingo de Nei Lisboa com um toque de orquestra

A Orquestra de Câmara da Ulbra recebe Nei Lisboa no próximo Domingo Clássico, em concerto que relembra sucessos dos mais de 40 anos de carreira do músico. A apresentação será na Associação Leopoldina Juvenil (Marquês do Herval, 280), no domingo, às 19h, com regência de Tiago Flores. Ingressos, a partir de R\$ 15,00, no Sympla.

O concerto iniciará com

obras de dois compositores britânicos, Edward Elgar (1857-1934) e Peter Warlock (1894-1930). Após o intervalo, o segundo bloco é dedicado ao cantor e compositor gaúcho. Nei Lisboa sobe ao palco para apresentar músicas como *Verdes Anos*, *Produção Urgente*, *Pra te lembrar* e *Berlim Bom Fim*, entre outras, com a presença extra do baterista Luke Faro.

reportagem cultural

The Great Fregoli, Il Piccolo Leopoldis

Daniel Rodrigues*

Em 16 de agosto de 1914, o jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, anunciava as atrações do espetáculo de variedades, que ocorreria a partir daquele dia no Theatro Republica, no Centro da cidade, em elegante português da época da República Velha: “Cabeça fallante / Leopoldis / Estréa: O desaparecimento mysterioso de um Cavallo vivo / A caixa mysteriosa / Telepathia e auto sugestão”. Esta era parte do programa que a família Majeroni levaria aos palcos cariocas. Dentre eles, estava o jovem Italo Victor Emmanuel Majeroni, pouco mais de dois meses antes de completar 26 anos, a 23 de outubro.

Oitavo e último filho de Napoleone (1842-1918) e Adelai-de Bruno (1845-1916) e irmão de Achille Edoardo (morto ainda criança), Oreste, Augusta, Amedeo, Achille, Edoardo e Manlio, ele começara na companhia mambembe familiar como “macchietista musicale” (algo como “caricaturista de números musicais”) e dava os primeiros passos como comico e transformista. Somente nos primeiros anos do século 20, a Cav. A. Majeroni já havia excursionado pela Europa e Ásia, passando por Grécia, Espanha, Itália, Egito e Turquia - neste último em Constantinopla, onde apresentaram-se, inclusive, no teatro do palácio do sultão Abdul-Hamid.

Naquela temporada no Rio



Empresa rodou centenas de filmes com câmera fabricada por Italo Majeroni

de Janeiro - a qual teve na plateia o então presidente Hermes da Fonseca - e já tendo passado por diversas capitais e cidades brasileiras, o nome “Leopoldis” já constava na programação como sendo o “celebre comico parodista excêntrico musical”. Era o próprio Italo Majeroni, que havia adotado o pseudônimo numa homenagem a seu ídolo, o transformista italiano Leopoldo Fregoli (1867-1936), o “grande Fregoli”. Espécie de pop star do início do século 20, Fregoli dominava

todos os recursos teatrais, mímica, ilusionismo, prestidigitação, pantomima, magia, ventriloquia, canto e acrobacia. Como descreveu a Revista O Globo, “aquele transformista que foi o maior de todos os tempos e representava a ópera *Fausto* sozinho”.

“Talvez a chave para se entender porque Italo Majeroni adota o nome Leopoldis venha de sua admiração por Fregoli e pela arte do transformismo, pois o nome

completo do artista é Leopoldo Fregoli. Daí poderia ter nascido o Leopoldis, uma reverência de Italo ao ‘grande Fregoli’”, supõe Glênio Póvoas no artigo *A história do cinema gaúcho é contínua*, de 2007.

A história de Fregoli, assim como ocorreria com Majeroni, também tem ligação com o cinema. Em 1898, ele adquire um Cinematógrafo Lumière depois de uma visita a Lyon e roda com o aparelho uma série de filmes, os quais exhibe em seus espetáculos com o título *Fregoligraph*. Um ano depois, valendo-se de suas habilidades transformistas, ele interpretaria 20 personagens no filme *L’homme protégé*, do famoso pioneiro do cineasta fantástico, o francês Georges Méliès.

A ligação de Majeroni com Fregoli realmente parecia mágica. Como em cinema. Em 1904, naquela marcante *tournee* por Constantinopla, Majeroni, então com apenas 15 anos, já referenciava seu ídolo. Porém, como ainda não se julgava à altura dele, achou mais sensato assinar como “Il Piccolo Fregoli” (“O Pequeno Fregoli”, em tradução do italiano).

Mas seus destinos haviam de se cruzar novamente. Coincidentemente, ambos excursionavam pelo Brasil de forma concomitante em agosto de 1915: Leopoldis, com a trupe Majeroni, no Cine-Theatro Coliseu, em Rio Grande, e Fregoli, a 1.801,7 quilômetros de distância, no Rio de Janeiro, onde encontrava-se em cartaz. Isso, no mesmo e fatídico ano em que Majeroni, já no Nordeste, daria início à carreira cinematográfica seguindo os passos do seu mestre.



ACERVO MUSEU DO TRABALHO/REPRODUÇÃO/JC

Vivo ou morto

Obstinação era uma marca de Italo Majeroni. Também pudera, para alguém que, em cerca de seis décadas, construiu uma das mais singulares trajetórias do cinema gaúcho e brasileiro do século XX. Após filmar como ator, no Rio de Janeiro, o longa dramático *Vivo ou Morto*, de Luiz de Barros, em 1916, e do breve período em Recife, Majeroni se estabelece em Porto Alegre nos anos 1920. Seu primeiro contato com a cidade havia sido em agosto de 1912, quando esteve no Theatro São Pedro, ainda como ator teatral. Agora, porém, a saga era como produtor e cinegrafista. Para ele, era caso de vida ou morte.

Astúcia não faltou. Um dos primeiros trabalhos da então Leopoldis-Film em Porto Alegre teria sido a filmagem das obras do Cais do Porto, em 1924, encomendada

pelo presidente do Estado (governador) Borges de Medeiros. “Não se tem registro de outras filmagens de Leopoldis nos anos 1920, até o documentário longo *A revolução de 3 de outubro*, de 1930 (foto), do qual só restam fragmentos”, explica Glênio Póvoas. Com a exibição, em junho, do curta-metragem sonoro *A Festa da Uva de 1937*, inicia-se a nova e segunda fase da empresa, marcada pela intensa produção de filmes institucionais, inclusive com a fabricação de equipamentos próprios. A base de sustentação da produtora era o documentário de encomenda, tendo como grande cliente o governo estadual e suas secretarias, órgãos e departamentos, como Daer, CEEE e Brigada Militar, bem como empresas, prefeituras e instituições.

Havia quem pegasse junto

nesta obstinação: os “braços direitos” Derly Martinez e Fleury Bianchi. Martinez começa como iluminador na Leopoldis-Som nos anos 1940 e exerce todas as funções em menos de dez anos

até tornar-se sócio. O filho, o médico Denis Martinez, relembra de uma epifania de seu pai em relação ao fazer cinematográfico. “Tem uma história que o pai sempre contava, que ele, com 7 anos, certa vez passeava na rua com sua mãe e achou no chão o fotograma de um filme. Com aquilo na mão, ele disse: ‘eu ainda vou trabalhar com cinema’”. Aos 14, ele já fazia iluminação e câmera na Leopoldis, filmando depois por todo o Rio Grande do Sul”, recorda.

Bianchi, por sua vez, era parceiro de trabalho de longa data de Leopoldis, auxiliando-o pelo menos desde 1937. Ele e Martinez são responsáveis pela fotografia de dezenas de trabalhos da produto-

ra até assumirem, juntos, nos anos 50, a presidência da agora Cinegráfica Leopoldis-Som. Nesta fase, também entra na empresa Odone Silveira, primeiro como cinegrafista e pau-de-luz e, posteriormente, nas funções de sócio-gerente e laboratorista.

De fato, aquele foi um momento de grande produtividade da Leopoldis-Som. “A partir de 1954, período de Martinez à frente da empresa, a produção ganha um novo impulso, mais perto de uma noção industrial”, observa Póvoas. Nesta terceira fase, de tão pujante, teve de se aumentar a equipe para dar conta do crescimento da produção. Nos anos 1960, a Leopoldis-Som vai produzir também muita publicidade, e é quando decidem apostar em um nicho ainda não explorado por eles: o de filmes de ficção. De novo, a obstinação.



ACERVO MUSEU DO TRABALHO/REPRODUÇÃO/JC

O Rio Grande passou por aqui

Quem assistiu televisão no início dos anos 2000 no Rio Grande do Sul provavelmente se lembra do telejornal Teledomingo, transmitido pela RBSTV nos domingos à noite e que tinha, a cada começo de edição, o seguinte bordão anunciado pelos apresentadores Regina Lima e Tulio Milman: "A partir de agora, o Rio Grande passa por aqui". Afora as reportagens jornalísticas num perfil de revista eletrônica, a sentença podia ser dita com segurança pela emissora, em boa parte, pela qualidade do acervo que esta havia reservado para exibir especialmente neste programa.

Eram os filmes da Leopoldis-Som, que traziam imagens históricas de eventos do passado no Rio Grande do Sul, como as da Porto Alegre de 1938, a primeira Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados (posteriormente intitulada de Expointer), em 1940, o reaparelhamento da viação férrea do Rio Grande do Sul, em 1954, bem como as únicas filmagens que restaram da fatídica enchente de 1941.

Esse resgate só foi possível graças a um contrato de cooperação cultural firmado pela RBS com o Museu do Trabalho pelo qual a emissora se obrigava a recuperar, catalogar, organizar, manter e providenciar a telecine para VT das fitas com filmes integrantes do acervo. Coube a Glênio Póvoas realizar, entre 2008 e 2010, o exaustivo trabalho de consolidação da catalogação deste arquivo. "Nesse período, revisei todas as fitas, o que equivale a cerca de 171 horas ou sete dias e três horas de imagem e/ou som", conta.

O advogado e sociólogo Marcos Soares, fundador do Museu do Trabalho, conta como o precioso material da Leopoldis-Som chegou a suas mãos. "Numa conversa informal com um amigo no Chalé da Praça XV, ele me falou sobre a preocupação com o acervo da Leopoldis-Som, que estava mal acondicionado, e da intenção de Fleury Bianchi de vendê-lo. Naquela noite eu não dormi, só pensando em como comprar aquele acervo", relembra. "No outro dia, saí atrás do sr. Bianchi". Por 15 mil cruzeiros (algo



IMAGENS ACERVO MUSEU DO TRABALHO/REPRODUÇÃO/JC



Acima, logotipo do cinejornal Atualidades Gaúchas; ao lado, os créditos finais da Leopoldis-Film



Still de cinejornal que registrou a passagem do Graf Zeppelin pelos céus de Porto Alegre

em torno de R\$ 5,4 mil à época), Soares adquiriu o acervo. Hoje, ele pretende, a partir de novo projeto junto à RBS-TV, ampliar o acesso ao público em geral.

Dentre os raros filmes ali contidos, encontram-se edições do cinejornal *Atualidades Gaúchas*, uma continuação da ideia empreendida por Italo Majeroni no Recife entre 1915 e 1917. Espécie de diário audiovisual da história gaúcha do século XX, o *Atualidades Gaúchas* era exibido como complemento dos longas estrangeiros nos cinemas gaúchos, toda segunda-feira. Estima-se que, da fase muda, ainda nos anos 1930, tenham sido pouco mais de 20 programas. Já no período sonoro (1942 e 1979), somam-se volumosos 477 números, todos com 10 minutos cada e uma média de cinco assuntos por vez, totalizando mais de 2 mil temas filmados.

Além dos filmes, fazem parte dos arquivos preservados diversos documentos e equipamentos, como câmeras e documentação em papel com roteiros, folhas com descrição dos planos filmados, entre outros. A maior parte da produção anterior a 1961, no entanto, foi perdida em 1965 em um incêndio no depósito da Leopoldis-Som, na rua Gonçalves Dias, bairro Menino Deus. Ali se concentravam os rolos de nitrato, material altamente sensível e inflamável. Destes rolos, o que ainda existe está, na maior parte, no Museu do Trabalho; há material também na Cinemateca Brasileira, em São Paulo, tratado com destaque dentro do Projeto Nitratos, que promove, desde 2023, a conservação, catalogação e digitalização de filmes em nitrato da coleção mais antiga do cinema brasileiro.

O maior golpe do mundo

FESTIVAL DE FILMES TEIXEIRINHA/REPRODUÇÃO/JC

O crítico de cinema Tuio Becker disse, certa vez, que *Coração de Luto* marca o início do cinema gaúcho. O que talvez seja um exagero denota, no entanto, o tamanho do êxito do filme não só no Rio Grande do Sul como no Brasil. Depois de longa trajetória na produção de documentários de curta-metragem e cinejornais, a Cinegráfica Leopoldis-Som se lança na ficção com um projeto de forte potencial: rodar um longa sobre a canção homônima de Teixeira. Deu certo, mas, por incrível que pareça, o sucesso representou também o começo do fim da Leopoldis-Som.

O filme, lançado em 1967, marca o início do 'Ciclo da Bombacha e Chimmarrão' no cinema gaúcho. Dirigido pelo espanhol Eduardo Llorente, radicado no Brasil desde os anos 1950 e escolhido por sua boa experiência com o 'Cinema Caipira', em alta naquele momento, *Coração de Luto* cativou o público País afora. Em Porto Alegre, ficou seis semanas consecutivas no Cine Avenida. Por onde passava, as salas de cinema lotavam.

A empolgação natural continha, na verdade, certa dose de inocência. "O filme foi pessimamente distribuído. Havia poucas cópias e muitas cidades querendo exibir", salienta o jornalista, crítico de cinema e biógrafo de Teixeira, Daniel Feix. Resultado? O filme rendeu muito menos do que poderia. Somava-se a isso o fato de que, até 1970, não existia controle de bilheterias detalhado no Brasil, o que facilitava desvios. Denis Martinez revela que, muitos anos depois, o pai e Fleury Bianchi ainda estavam na Justiça atrás de valores não repassados por distribuidores. O montante, atualizado, chegaria a R\$ 1 bilhão.

Cartaz original de *Coração de Luto*

Esse dinheiro, porém, nunca chegou.

Após *Coração de Luto*, a Leopoldis-Som realiza outras produções: *Pára, Pedro!* (1969), *Não aperta Aparício* (1970), *Janjão não dispara...foge!* (1970) e *O amor em quatro tempos* (1970). Nenhum fez sucesso como o primeiro, e as contas não fechavam. Martinez, mesmo lamentoso, se viu forçado a considerar o fim do negócio. Afinal, investir nos longas era oneroso e incerto, e a televisão abocanhava agora o filão dos cinejornais. Não havia para onde correr. Era um duro golpe. O maior do mundo.

Sinais de outros tempos. Em 1981, roda-se o último filme da mítica Leopoldis-Som. Chegava ao fim um sonho. Sonho nascido, há mais de um século, do desejo genuíno de um pioneiro e de seus discípulos igualmente contaminados pela magia do cinema. Um sonho que, mais do que apenas a criação de imagens em movimento, mas, sim, no patrimônio audiovisual de um povo.

ACERVO FAMÍLIA JOSÉ MENDES/REPRODUÇÃO/JC

Material promocional de *Não aperta Aparício*, um dos longas da Leopoldis-Som

Daniel Rodrigues é jornalista, escritor, radialista e crítico de cinema. Atual presidente da Associação de Críticos de Cinema do RS (Accirs), tem duas obras lançadas: *Anarquia na Passarela*, vencedor do Açorianos de Literatura, e *Chapa Quente*, além de participação em antologias de contos e no livro *50 Olhares da Crítica Sobre o Cinema Gaúcho*, editado pela Accirs.

nas telas



Uma Mulher Diferente retrata personagem que descobre ser autista

Descobertas libertadoras sobre si mesma

A diretora e roteirista francesa Lola Doillon aborda a saúde mental feminina na comédia romântica *Uma Mulher Diferente*, que estreia nos cinemas. O longa tem como eixo a personagem Katia (Jehnny Beth), uma documentarista brilhante cuja vida pessoal, especialmente na perspectiva amorosa, é um caos. Quando começa a trabalhar numa nova

produção, Katia se descobre autista - um diagnóstico libertador, pois, finalmente, ela consegue compreender melhor a si mesma e dar forma aos seus sentimentos. Agora, tendo a possibilidade de se compreender melhor, Katia talvez esteja mais preparada para o amor, que surge como possibilidade a partir da convivência com Fred (Thibaut Evrard).

Sobre afetos e disputas entre mulheres

Estreia de Laís Melo nos longas, e que deu à cineasta o Kikito de melhor direção no 53º Festival de Cinema de Gramado, *Nó* chega aos cinemas com uma história sobre relações de afeto e redes de apoio entre mulheres. Na película, Glória é funcionária de uma fábrica de alimentos processados, que está em busca de um recomeço após um

divórcio conturbado. No novo lar, no centro de Curitiba, ela e as três filhas precisam se desdobrar para dar conta da rotina, enquanto Glória vive uma disputa acirrada por uma nova posição na fábrica, na qual enfrenta sua melhor amiga e outros colegas e que, se vencida, melhorará consideravelmente as condições de vida da família.

Primeiro filme saudita premiado em Cannes

Primeiro filme da Arábia Saudita selecionado para o Festival de Cannes, onde ganhou menção do júri na mostra *Un certain regard*, *O Retrato de Norah* mostra uma juventude silenciada que encontra na arte um sopro de liberdade. Dirigido e roteirizado por Tawfik Alzaidi, o filme acompanha Norah (Maria Bahrawi), uma jovem sonhadora que vive em uma pequena vila remota na Arábia Sau-

ditá nos anos 1990 e que sonha em ter um retrato seu, como nas capas das revistas. Quando Nader (Yagoub Alfarhan), professor e artista frustrado, chega até a comunidade, nasce entre os dois uma conexão que inspira coragem e criatividade. A relação delicada se transforma em uma jornada de autodescoberta e resistência silenciosa, explorando a tensão entre tradição e modernidade.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Culto de veneração à Virgem Maria	Companhia circense Barril para vinhos	Lugar comum de gravidez ectópica	Foi entregue a Lula por representantes do povo na cerimônia de posse
			Interjeição que exprime alívio
			Área de desenvolvimento de websites
			Lendária ave que renascia das cinzas
Divisão original da sociedade hebraica		Berílio (símbolo)	A 4ª nota musical Pontaria, em inglês
		Variedade de verde	
			Conjunto de roupas do recém-nascido
Copo feito de chifre Os tempos passados	Unidade Astronômica (sigla)		(?) it, brinquedo anties-tresse
		Isenta de obrigação	
Material de ferramentas rupestres	Barcos de Veneza		
	Capital sul-coreana		
		Os raios nocivos do Sol (abrev.)	Pronome oblíquo tônico
A galeria que recebe a água da chuva		Objeto pendurado na arara de lojas	
		A (?), forma de cozimento de vegetais	
			Anfíbio como o diminuto pingo-de-ouro
		Vitamina que previne o raquitismo	Canal de contato entre cliente e empresa
Meio de propulsão da jangada	Inexiste na denúncia anônima		São Bento do (?), terra de Alceu Valença
		Desinência verbal do infinitivo	Ponta aguçada de verruma
Ponto fixado no treino de tiro			
O medo que caracteriza a fobia			

BANCO — pop. 5/tri-bo. 6/guampa — 3/alm — 27

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesse nosso site!

COQUETEL

Solução												
T	V	N	O	I	C	V	R	H	I			
V	U	P				R	O	V	T	V		
I		V	A	O	R	P		I				
C	A	S		D		V	T	E	A			
N	C		T	V	I	A	U	T	P			
E	D	I	B	V	C			E	O			
I	T		A	U		O	S	S	O			
S	V	T	O	D	N	O	G					
E	W	I	X	E		S	O	D	I			
R	R		N		V	U		E				
P	P		A	P	A	U	G					
A	F		A	I	M	P	D					
X	N		E	O	I	B	T	R	I			
I	A		T		D	U	L	I	A			
F												

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: O ambiente familiar e conjugal pode ser palco de grandes exageros, em que diversas pessoas, você inclusive, se mostrem bastante dramáticas e carentes.

Touro: Os gestos dramáticos dão o tom à comunicação. Tudo parecerá merecedor de grande eloquência. Para ter um dia produtivo, canalize com foco essa energia volumosa.

Gêmeos: Tendência a uma atitude exagerada na lida com dinheiro e amor. Você acha que pode tudo e arrisca o que não pode. Considere os sentimentos alheios, na relação amorosa.

Câncer: O Sol estimulado por Júpiter indica atitudes românticas impulsivas e excessos quanto à saúde e a ultrapassar seus limites. Momento de libertação e expansão, mas modere-se.

Leão: Hoje, você pode jogar fora muita energia mental e física em discussões e polêmicas sem sentido. Não entre em duelos sem sentido. Cuide de sua saúde e evite excessos.

Virgem: Júpiter atizado pelo Sol indica que você imagina possibilidades muito além das permitidas pela realidade. Não obstante, é tempo de você renovar os sonhos que deseja alcançar.

Libra: Você pode confiar demais em certos êxitos na atuação profissional. Mas não exagere. Utilize o melhor do momento para dar um rumo novo e positivo seu trabalho.

Escorpião: Inimigos poderosos, internos ou externos, tentam desestruturar sua orientação de vida. O excesso de confiança e o otimismo ingênuo podem ser alguns desses inimigos.

Sagitário: Você parece achar que conta com apoios e poderes maiores do que realmente conta. Em vez de esnobar as boas oportunidades, use-as para alguma realização imediata.

Capricórnio: Sua atitude nas questões profissionais e de responsabilidade pode ser exagerada. Apesar da empolgação, não esqueça as parcerias e relações de que participa.

Aquário: O Sol e Júpiter apontam para os exageros no modo de ser com os colegas. Não se iluda achando que pode tudo. Mesmo que você tenha poder, não estrague as boas relações.

Peixes: Os desejos amorosos são mais ardentes, e você se excede em seus desejos. A afeição quando compartilhada é muito melhor do que quando imposta sobre a pessoa querida.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Magia, distopia e fatos sombrios da realidade

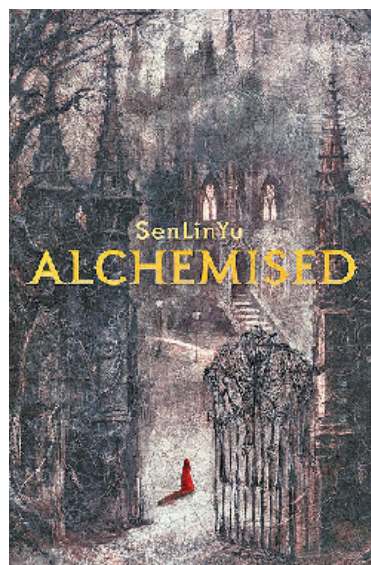
Alchemised (Editora Intrínseca, 960 páginas, R\$ 149,90), da escritora norte-americana SenLinYu, é um dos lançamentos mais aguardados em todo o mundo. O romance gigante mescla com habilidade e sedução narrativa elementos distópicos, magia, necromancia e fatos sombrios da realidade. O livro é inovador e promete ser um marco da literatura fantástica contemporânea.

SenLinYu cresceu no noroeste do Pacífico e estudou artes liberais e cultura clássica. Começou a escrever no aplicativo de notas do celular durante a soneta de seu bebê. Sua *fan fiction* *Manacled*, distopia baseada nos livros Harry Potter e *O Conto da Aia*, rendeu mais de 20 milhões de downloads e foi publicada em mais de 20 idiomas.

Alchemised traz uma história ambientada em Paladia, considerada uma cidade-es-

tado estratégica por ditar as inovações tecnológicas criadas a partir de uma habilidade especial usada para a transmutação de metais, conhecida como “ressonância”. Depois de um longo e violento conflito, o uso da necromancia se tornou o *modus operandi*, e uma nova classe dominante, formada por guildas corruptas e necromantes perversos, assumiu o comando, acabando com o regime da Chama Eterna, ordem política da família real que controlava o território desde sua fundação.

Ao fim da guerra, Helena Marino, tida apenas como uma curandeira, é mantida em cativeiro. Os carcereiros descobrem que sua memória foi alterada e que ela não lembra dos momentos-chave que deram vitória aos Imortais sobre a Chama Eterna. Seria ela irrelevante? Em meio a tudo há uma história de amor. Helena ficará



com o amado no final?

Helena é enviada ao Alcaide-Mor, segundo necromante mais famoso de Paladia. O líder dos Imortais, Morrough, quer saber o que está escondido nas profundezas da mente da curandeira. Presa nas ruínas de uma propriedade sombria, ela luta para se proteger. É só o começo do martírio, pois seu captor e sua prisão tem seus próprios segredos. Ela terá que desvendá-los.

e palavras...

DIREITA, ESQUERDA E CENTRO-AVANTE

Não se encontravam há quarenta e cinco anos. Foram colegas na Faculdade de Direito, nos anos de chumbo. Depois da formatura, um ficou advogando em Porto Alegre; o outro se tornou Promotor de Justiça em Rondônia e foi ficando por lá. Os dois não eram muito próximos na faculdade, mas jogavam sinuca e tomavam cerveja juntos e restou aquela amizade *light*, que só foi lembrada quando eles se encontraram, por acaso, na Esquina Democrática, Borges com Rua da Praia.

O Alfredo só reconheceu o colega porque Joaquim ainda tinha aquela metade de sobranalha branca. Alfredo ficou um pouco em dúvida sobre abordar o colega depois de tanto tempo, mas lembrou das horas divertidas no bar da faculdade e falou para o Joaquim:

- Tu és Joaquim lá do Direito? Não acredito!

- Rapaz, quanto tempo? Tu és o Alfredo, né? Deixa eu te dar um abraço.

- Tu estás muito bem, o mesmo, disse Joaquim, mentindo um pouco.

- Tu também, tá um guri, disse o Alfredo, retribuindo a mentirinha.

- Onde andas? Alguém me falou que estavas em Rondônia.

- Isso, te lembra que eu era do Centro Acadêmico, metido em política, e aí me compliquei com a ditadura, levei um processo, me prenderam e tal. Me soltaram, achei melhor me mandar para o Norte. Larguei os lances de esquerda e fiz carreira no Ministério Público. Comprei umas terras por lá. Uns disseram que me aburguei, que traí os ideais e tal. Não estou nem aí.

- Pois olha, Alfredo, te lembra que eu era mais de direita, até gostava dos milicos e não me metia em protestos e confusões. Depois de formado fui ser advogado trabalhista de sindicato profissional e aí comecei a me envolver com os trabalhadores, com os líderes e tal e me dei muito bem. Ganhei muito dinheiro, acabei gostando da ideia de revolução, mudar o mundo. Me envolvi com política, mas de leve. Nos últimos tempos os sindicatos, sem as contribuições sindicais, ficaram esvaziados, e para mim até foi bom, porque coincidiu com minha aposentadoria.

- Eu também me aposentei, agora só cuido da fazenda e da família. Fiz setenta ano passado, andei lendo sobre medicina oriental e agora, meu caro, estou tentando cuidar da saúde física e mental, da alimentação e de fazer exercícios. Esse Brasil não dá muito para entender, é melhor aceitar e gostar. Que tu achas?

- Concordo contigo. Nosso Banão parece que vai ser sempre do futuro, da semana que vem. Melhor viver os anos que nos restam com saúde e paz, com a família e os amigos, nessa zona de conforto. Esquerda, direita? Será que ainda existem? Ou será que são apenas palavras de ordem para nos pegar? De repente melhor centro-avante, ir para a frente, sei lá.

- É verdade, melhor pensar em ir para frente, equilibrar alguma mudança com segurança, se é que isso é possível. Essa vida passa depressa. Melhor gostar das pessoas, conviver bem, do que tentar explicar, entender e querer convencê-las.

a propósito...

Os dois foram tomar um cafezinho na Galeria Chaves. Ficaram falando da Marília, da Carol, da Fernanda, do Tônico, do Cachoeira, do Eustáquio, do Coronel e de outros colegas. Lembraram dos apelidos dos professores: Anão Maldito, Inferno na Torre, Morte Lenta, Fanta Litro, Cenourão, Boneco de Bolo de Noiva, Coronel Cintra e outros

conspícuos mestres. Lembraram do dia que cantaram parabéns a você para o quindim do bar do Portuga, que estava fazendo um ano e parecia aquela moça que chamavam de letra do Hino Nacional: comprida, feia, chata e ninguém cantava. Deus a tenha na sua infinita honra e glória.

(Jaime Cimenti)

lançamentos



► **Propósito de vida da pessoa idosa** (Editora Summus, 224 páginas, R\$ 96,70), organizado pela professora universitária e fisioterapeuta Cristina Cristóvão Ribeiro, traz textos dela e de especialistas sobre conceitos, abordagens e propostas de intervenções gerontológicas, a partir do conceito de que o propósito de vida é essencial para velhice ativa e saudável.



► **Salvamento** (Zahar, 248 páginas, R\$ 76,00), da premiada escritora, ensaísta e poeta Dionne Brand, nascida em Trinidad e Tobago e radicada no Canadá, traz textos sobre a literatura inglesa consagrada no Caribe. Com prosa incendiária, ela escancara a violência como regime estético da literatura ocidental e propõe um espaço para os sobreviventes do naufrágio colonial.



► **Caminho das águas – Uma viagem de bicicleta pela costa oeste da Lagoa dos Patos – RGS** (Libretos, 152 páginas), de Raphaella Donaduce Flores, jornalista especializada em cultura, e Eduardo Seidl, jornalista e professor, traz textos e fotos sobre uma viagem de oito dias, 500 quilômetros, que os autores fizeram no caminho feito pelas águas que inundaram o RS e deixaram marcas.

pensando cultura

Festival Rap In Cena acontece neste final de semana no Parque Harmonia

Gabrieli Silva

O Parque Harmonia volta a pulsar ao som do hip hop. Nos dias 18 e 19 de outubro, Porto Alegre será novamente palco do Rap In Cena (RIC), que chega à sua 11ª edição com um *line-up* diverso, reunindo artistas consagrados e novos nomes da cena. Entre os destaques estão Djonga, Orochi, Tasha & Tracie, BK, TZ da Coronel, Duquesa, Cabelinho e Poze do Rodo, nomes que prometem transformar o festival em uma celebração da cultura urbana.

Apresentado pelo Ministério da Cultura e Petrobras, o Rap In Cena 2025 traz dois dias de programação, misturando música, arte, moda, esporte e empreendedorismo. Além dos shows, o

público poderá acompanhar batalhas de MCs, apresentações de *breaking*, intervenções artísticas e uma feira de multi-empreendedorismo, que valoriza iniciativas locais e dá visibilidade a novos talentos.

Com trajetória consolidada, o festival reafirma seu papel como o maior evento dedicado à cultura hip hop do País. Em 2024, foram 48 mil pessoas reunidas no Harmonia, confirmando o impacto e o alcance do projeto que nasceu em 2014, com a proposta de fortalecer a cena local e ampliar o espaço de artistas independentes.

O idealizador e CEO do Rap In Cena, Keni Martins, destaca que a nova edição chega marcada pela superação e pela conexão entre territórios e culturas.

“Eu acredito que a expectativa seja entregar algo de que a gente possa se orgulhar, agora e no futuro. Não pelo tamanho total da edição, mas pelo que fizemos em um ano tão desafiador para o mercado todo, não só para o nosso setor.”

Para ele, o festival também representa um ponto de encontro entre diferentes realidades e regiões e marca um momento de reafirmação da cultura no País.

“As periferias se unem no RIC e conversam com pessoas de outros bairros, cidades, estados, regiões e até países. É intercâmbio cultural, é fazer uma cidade ter mais possibilidades, contribuir no micro, pensando no macro. Ter o nosso movimento reconhecido pela Prefeitura, pelo Governo e por Ministérios

é grande demais pra quem batia cabeça num quarto pequeno. Ano que vem tem mais.”

Entre as atrações de sábado, estão BK, Poze do Rodo, TZ da Coronel, Duquesa e Chefin, além de nomes como MC Tuto convida MC Luuky, Cp no Beat, Cocoa Mami e DJ Nezzo + Gê Powers. Já no domingo, o *line-up* traz Orochi, Djonga, Cabelinho, Tasha & Tracie e MC IG convida

MC PH, acompanhados por uma sequência de DJs e artistas que movimentam o cenário nacional. O *line-up* completo pode ser conferido no site e nas redes sociais do evento.

Os ingressos estão disponíveis no site oficial rapincena.com.br e nas lojas físicas da Verse (Rua dos Andradas, 1444 - Loja 06, Galeria Chaves, Centro Histórico de Porto Alegre).

Serviço

Rap In Cena 2025 – 11ª Edição

- ▶ **Dias:** 18 e 19 de outubro
- ▶ **Local:** Parque Maurício Sirotsky Sobrinho (Harmonia) – Av. Loureiro da Silva, 255, Porto Alegre
- ▶ **Ingressos:** rapincena.com.br e Loja Verse (Centro Histórico)
- ▶ **Instagram:** @rapincenafestival

THIAGO DORSCHIED/DIVULGAÇÃO/JC



Consolidado como um dos eventos máximos do universo hip hop no Brasil, festival Rap In Cena terá nova edição em Porto Alegre neste sábado e domingo; ainda há ingressos à venda